

Sertão Cidade

(Dos que vivem à margem das margens)

Luís Pimentel

“Nós nunca nos realizamos. Somos dois abismos – um poço fitando o céu.” (Fernando Pessoa)

“Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos anjos me ouviria?” (Rainer Maria Rilke)

“O senhor tolere, isto é o sertão.” (João Guimarães Rosa)

Sertão que me visita na cidade
cidade que me trouxe do sertão
carrego um tanto de um em cada parte
deixo um tanto de mim em cada um.

Juntos, zonzos, misturados
rios e chãos esturricados
cacos de vidros e espinhos maquiados
expostos na imagem da tevê.

No lombo do jumento até o tanque
a mão da mãe na mão ao chafariz
a cacunda do avô me disse e diz
que o tempo que mais conta não se vê.

Sertão, imenso sol, maior castigo
cidade, sonho e cenário de perigos
faço-me em ti o reforço da caatinga
refaço, enquanto traço outra mandinga

que me leva ao sertão, serenidade
que me traz à cidade em procissão.

Canto que vem das serras

aboio que vem das ruas.

Em tempos de guerra

em noites de lua.

Mato seco resmungando

balé triste se esvaindo.

Cidade, a sós, desmamando

mulheres sertão parindo.

Mistura de sol e chagas

mandingueiros e esmolés.

No sertão ou na cidade

a vida é o que é.

Imagine a caatinga ladrilhada
urtigas, mandacarus florindo na calçada
jumentos, automóveis e aviões conectados
porcos estrebuchando no palco iluminado.

Sertão Cidade, cidades nos sertões
umburana sustentando torres tétricas
ninhos de sabiás nas parabólicas
espantalhos travestidos nos sinais.

Sertões gemendo nas cidades
vírus sobre trilhos, veredas imaginárias:
corações cheios de espinhos ardendo
nas fornalhas.

Sertão Cidade
Sertão, Ai de ti.
Sertão Saudade
Sertão Juraci.

É noite, um galho estala na caatinga.

É noite, um coração bate descompassado.

Manhã, um galo canta na restinga.

Manhã, um cão acorda assustado.

E o céu acompanha
mata acima, morro abaixo
nos bueiros, nos canteiros
nas represas, no riacho.

Cidade e sertão lamentam a mesma sina:
um treme desde menino
outra geme desde menina.

Lá dentro do olho do sertão
onde o chão solta fogos nas retinas
uma luz – um clarão –
tão cristalina
risca rostos de espinhos
na capoeira.
Enquanto isto, nas vísceras da cidade
há um sol que não para de queimar
derretendo o asfalto e a moleira
martelando um galope desastrado:
é cidade, é sertão, fogo cruzado
são as cinzas que evitam se apagar.

Homens-bomba

explodindo

na calçada.

O estouro

alucinado

da boiada.

No sertão

ou na cidade

o susto é tudo

a vida é nada.

Sertão, teu nome

áspero-espinho.

Cidade, teu corpo

curva-descaminho.

Um: silêncio, escuridão.

Outra: fuga, perdição.

Neste nome, neste corpo

quanta promessa fincada

quanto cansaço na estrada

tanta ambição desmedida.

Do Cariri, no último pau-de-arara
à inóspita calçada, quantos partiram
com o coração na boca. E voltaram
com o orgulho no chão.

Sertão – Cidade – Sermão.

Pense no fogo
e no calor que vem do fogo
nas brasas que gemem sobre a terra ressecada.

Dispense o fogo
e pense no sol
queimando o chão
rachando sem dó
o tronco da cajazeira.

Pense nos raios
velozes sobre antenas parabólicas
zunindo nos telhados
espatifando janelas de vidro
e de ferro. Dispense os raios
e pense nas chamas humanas
que se espremem no Metrô.

Cá e lá
o mesmo íngreme e perigoso
pensamento: não há futuro.

Há um rastilho no chão.

O brilho explode na marta.

É o luar do sertão?

É uma bala de prata?

Não foi disparada em vão.

Não busca vida barata.

Envergando gibão e chapéu de couro
os corpos – seco do homem e simétrico do cavalo –
embrenham-se na mata, de onde emergem cobertos
de espinhos, suor e carrapicho.

Trajando camiseta do time e bermuda surrada
as engrenagens – cheias de ossos do homem
e óleo da motocicleta – rasgam a calçada
para despontar cuspindo sangue e graxa
no solo infértil da avenida.

Corre um filete de sangue
na estrada do Canindé.

Há um congresso de gangues
com muita oração e fé.

Na capoeira ou no mangue
cão, caipora, barnabé.

Na Ipiranga
com São João
brilha um luar
do sertão.

Carrapichos
de cobalto
uma fogueira
no asfalto
cimento
rasgando
o chão.

No sertão ou na cidade
colchão de mola ou esteira.

Valentia ou vaidade
na bainha ou cartucheira.

Só o cheiro da maldade
na fumaça ou na poeira.

Não sobra osso
sobre osso
de quem incomoda
fazendeiro.

Vai virar
corpo virado
se mexer
com a milícia.

No cangaço pós-moderno
a morte em cordas de aço
recanta suas incelenças.

Vai entrar no paraíso
o que repetir a crença:

time is money tem ciência.

A estrada que atravessa a voz e a sanfona de Luiz Gonzaga
desemboca nos versos espinhentos de Humberto Teixeira
a lembrar que “Automóvel lá não se sabe se é homem
ou se é mulher”.

Passa também pela
“Solidão do boi no campo / Solidão do homem na rua”
– foi Drummond quem descobriu.
Mais não diz. Nem precisa.

No choro seco da umburana
ou no apito do trem, entre grades
o coração se divide, para enfrentar
o trágico e o tragicômico
o sumo e a sede
o sol e a solidão.

Veias.

Chão de veias.

Veias no rastro da cobra

nos trilhos do trem.

Veias que inflamam

entre fios elétricos

e podem ser furadas por qualquer

espinho.

Os caminhos, nas cidades ou nos sertões, obedecem
à mesma geometria das circunstâncias heroicas ou covardes
(serpenteando entre arranha-céus ou pés de mandacarus)
– seja em Lisboa, em Pequim, Rio de Janeiro, Budapeste
na solidão da urbe, na explosão do agreste
no palco iluminado ou na mais tórrida e inóspita
paisagem a brotar no meio do meio do mato
– digo mato-macambira; vejo mato-concreto armado.

Ocorre que na quitinete com vista para o mar
ou na casinha de sapê com furo no teto para o céu
é preciso levantar da cama e enfrentar os becos
e brenhas, as nuvens dispersas e a balas perdidas
que vêm dos becos e das brenhas, apesar da desordem
e dos tempos finitos que as veredas secas
ou ruas molhadas contornam e provocam tanto medo.

Mas você não estranha que por essa estrada
onde quem era rico andava em burrico
só passem agora os bondes formados por batalhões
de motocicletas aladas.
Tanques de guerra ou de sustos.

No oco do fogo a chama
na ponta do sabre o choro
no rastro do tanque o estrondo
na voz de comando o medo
no tronco que tomba o espanto
no corpo que cai a culpa
rato morrendo no esgoto
aranhas na cumeeira
esqueletos na esteira
imprecações ao luar
heróis em farrapos, rotos
seco cipó de aroeira
sertão, cidade, trincheira
morrendo-se aqui ou lá.

Os braços estão abertos
em cruz, mas não o espantalho
na lavoura.

É um homem – carta incerta
de um baralho – alvo incerto
de justiceiros.

Urubus da caatinga urbana
aguardam o julgamento.

Nas ruas são os bondes armados:
carrossel de fogo, couro e o osso
expostos nos fliperamas
meninos morrendo no colo dos pais
pais minguando aos olhos dos filhos
o chão em brasa, o céu desabando
o mau invadindo canteiros, igrejas, escolas
o choro e a prece que não terminam
a força trocada em miúdos no alto dos morros
a vida valendo tão pouco nos sinais de trânsito
vingadores fazendo tiro ao alvo com o retrato
da jovem que jurou denunciá-los.

E o riso estupidamente sarcástico a nos dizer
que nem tudo está perdido;
só a esperança.

Nos sertões são os urubus em bandos velozes
na caça cega ao cabrito recém-nascido
à ovelha velha berrando à sombra do umbuzeiro
ao gato, o pinto, o pato ou o preá
que se perderam no lajedo ou nos roçados.

No sertão ou na cidade, nos sertões cidades
há sempre alguém ou algo à espreita
vigiando o sono para que venha logo a morte
para comprar vantagens, vender virtudes
levar de brinde ou prêmio um pedaço
dos seus sonhos. Ou do seu couro.

Você apenas se pergunta como é possível
alguém fazer um poema ou cantar uma canção
numa hora dessas, num tempo desses
porque não lhe atingem a desordem da urbe
ou o silêncio
do mato, uma vez que os tapa-ouvidos
não permitem mais escutar os gritos do menino
“Mataram meu pai

mataram meu pai
mataram meu pai”.

os olhos vendados não enxergam
a mulher que perdeu a filha e corre pelas ruas, seminua,
arrancando os cabelos enquanto pergunta aos céus
– que também já não ouvem nem enxergam –
o que será de sua vida sem aquela
a quem já não vê?

Quando a natureza padece
a seiva do mandacaru
transforma-se em lágrima;
e logo, logo em sangue.

Ogivas ativas

e vírus vivos

banham as cidades

com seus líquidos

e seduções.

E descem como águias

sobre as praças

e os canteiros, pois

não fazem distinção

entre vivos e mortos.

Levantar um muro
refazer a cerca
ambos necessitam
da mesma firmeza
do mesmo carinho
da mesma rudeza
concreto ou espinho.

No cimento ou no arame
escorrer o suor
marcando no corpo
o que tem de melhor:
o olhar, a vontade
santa teimosia
que salta do sonho
para o sal do dia.

O resto é poeira, fumaça, é pó.

Sertão, cidade, sem fim
cerca, muro, ribanceiras
na planície ou no Bonfim
animal na capoeira
cavalo correndo louco
vida valendo tão pouco
começo mostrando o fim.

A morte por um torresmo

cidade, sertão, sentenças

a fome engolindo a crença

a sede lambendo a poça.

Que o diabo não nos ouça

mas o inferno é aqui mesmo.

A menina morta não sai de sua mente e você pensando
que a angústia está apenas na fila do banco
no trânsito sem saída, no hospital sem leitos
pois não sabe da maldição da eterna seca
sobre os nervos do homem, o ciclo menstrual da mulher, a nuvem de gafanhotos
famintos, a iminência da terceira guerra, o relógio que não interrompe
o tic tac nas veias, o olho arregalado do Cristo.

Não sabe nada, nada, nada
pois nunca andou descalço sobre tapetes de espinhos
não conhece a sanfona do Gonzaga, muito menos as palavras do Teixeira
e jamais saberá de quem é a culpa ou quem vai pagar pelo fato
de sua cidade estar virando sertão, ao invés de mar.

Por isso, não ponha os pés na calçada
não bote a cara na rua
não chegue fora de hora
não cruze a pista molhada
lave as mãos, abra os seus olhos
observe da janela, não atravesse o batente
seja o seu próprio canteiro e sua semente
o ventre, a raiz, o chão.

A cidade vira deserto, ao invés de sertão.

Ninguém pagará por isso, pois não há culpados nessa história
não há culpados quando todos estão afogados na mesma cacimba
e você só consegue pensar que o sangue é lama, a louça não é limpa
que os espelhos do banheiro refletem o céu que desaba
na figura monstruosa do espanto
que se manifesta na rua, quando se arrisca a pegar o caminho
da padaria ou do açougue, no vulto que se materializa
à sua frente e grita
– agora entre o céu e o chão do sertão –
feito aqueles espantalhos que abriam os braços no milharal
de sua infância.

O grito nos ouvidos
não vem do animal ferido na caatinga
da umburana caída na mata
do corpo minguando na indigência
do assaltado correndo em pânico
do assaltante anunciando os novos tempos
dos novos tempos rejeitando os velhos
do pregão dos insensatos vendendo dias melhores
a custo menor.

O grito vem dos seus próprios instintos
– o maior dos carrascos.

Quem nos escuta?

Quem nos socorre?

Quem acende a vela

quando a gente morre?

Quem enxuga o pranto

de nossas mães?

E dos nossos filhos

quem cuidará?

Dispenso os sermões.

Peço clemênci

peço perdão

peço desculpas

e ofereço a mão

à palmatória.

Peço que espere

e ofereço o corpo

“O senhor tolere”

o homem está morto

“Isto é o sertão”.

O homem está morto
no meio da sala
panos sobre o corpo
a esperança rala
ninguém deixou rastro
nesta maldição.

Encontraram o homem
na encruzilhada
daquela tocaia
não sobrou mais nada
além de uma vela
a queimar sozinha.

Diante do findo
no centro da mesa
o choro da mãe
a vela ainda acesa
no olho do pai
silêncio e tristeza.

Um vulto que grita “Perdeu! Perdeu!”
e você nem sabe o quê
Mas entrega sem reação o dinheiro, o sapato, o celular
o destino dos filhos que a seca também devora
você engole o susto e o choro
ele lhe empurra, lhe chuta
lhe dá na cara e evapora sorrindo
na esquina mais próxima
e desaparece no oco do mundo
como se estivesse desbravando uma caatinga
como se brotasse feito a urtiga do coração do sertão
ou nas curvas que o xique-xique desenha
nas margens do lajedo
no fogaréu da avenida
à cata do próximo desavisado.

É você
sou eu
nessa correria
porém se eu gritasse
entre anjos caídos
sempre ao meio dia
quando queima a pele
quando perde a força
barriga vazia.

Que Deus nos perdoe:
quem nos ouviria?

A menina tão moça
o rapaz um menino
esperança, destino
por um vaso de louça.

O futuro termina
e que Deus não nos ouça
a menina e o menino
viram vasos de louça.

Que se quebram no muro
que se afogam na poça
que se perdem no escuro
como um vaso de louça.

Pouco sobra da sina
dessas carnes tão cruas
o menino e a menina
que se perdem nas ruas.

Calangos correndo loucos

preás tremendo de medo

vida acabando tão cedo

na cidade ou no sertão.

Um cão arrancando os pelos

perdido no tiroteio

desejo partido ao meio

cascavel mordendo o rabo.

Sertão, cidade, castigo

o pavor rege o destino

vê-se o corpo do menino

ser retalhado na feira.

O aviso no poste, na carta do baralho
no folheto da cartomante
no noticiário, no olhar do vizinho
na pistola do segurança da casa lotérica
ou do capataz na fazenda cuspindo marimbondos.

Aqui não ficam, não passarão, aqui não
e repetem que a vida é um jogo e uma guerra
e que no entanto é preciso cuidado
o mesmo aviso que se ouvia da mãe
enquanto você escovava os dentes
e ela lhe preparava a mochila:
“Não dê confiança a estranhos!”

Estranhos são outros? Não, somos nós
Filhos da agonia a procurar sertões nos espelhos d'água
– sejamos citadinos ou sertanejos –
todos, água mesmo que barrenta para nós e para os outros
quando nos redescobrimos no brilho da faca
investigamos a folha corrida do suspeito
apontamos o dedo, acusamos sem medo
cerramos a cortina da sala para não ser
observado, auscultado, examinado, revirado
e quando ousamos perguntar “Tem cura, doutor?”
respondem apenas “Fique quieto, pois vou introduzir
o aparelho de ferro e de aço e de fogo bem agora”.

Você repete: “Agora?” Sim, agora
porque agora já é o seu filho que vai para a escola
enquanto sua mãe aguarda a senha
na fila do hospital público
e você segue o seu caminho
pois precisa sobreviver à imensa desordem
e também precisa deixar um na escola
pegar outra na enfermaria
perguntar ao doutor quanto tempo
temos de vida. “Você? Ela?”
Vocês, ela, todos nós e todos os outros
inclusive os que estão em casa
protegidos pelas janelas fechadas
enquanto o céu desaba
sobre o sertão. Sobre a cidade.

Desaba o céu feito a ponte
que carregou com ela o ciclista
o analista, o escriturário
o prédio abandonado onde famílias
– tão abandonadas quanto –
amontoavam-se em cômodos incômodos
e quase inacessíveis, enquanto
o vendedor de gás, de água, de ar
de televisão a cabo lhe vendia
também segurança, conforto, remédio
contra o câncer e a coceira, o plano de saúde
e de Previdência (social ou rural), além da sensação
de que viver neste mundo vale a pena.

Não vale a pena é pensar
que foi-se a mãe e com ela estarás
“na Santa Glória um dia”,
que nem aquela oração cantada
que a gente ouvia e repetia, sentados
no banco de madeira da Igreja da Matriz
ou nas incelenças roceiras que sua avó rezava
à luz de velas, pois sempre à noite
quando você sentia uma enorme vontade de chorar
e de gritar “Minha mãe não vai morrer nunca!”

Sempre à noite, quando vinham os mistérios
o desassombro, os inimigos, o medo de a escuridão
ser para sempre, sempre à noite quando o menino
prendia a urina por medo de atravessar o corredor no escuro
de ser visto pelas lagartixas que espreitavam da parede
pelos morcegos que se mantinham pendurados nas telhas
um olho em você, outro nos seus temores
(mas como, se os morcegos não enxergam?)
sob os cobertores de lã.

Quando o sol desponta, eles aparecem

na luz que afronta, esqueletos crescem.

De onde vieram, isso não importa.

Se a carne está viva, a alma está morta.

Brotaram das cinzas do fogo alarmante

os filhos daqueles que vieram antes

que riscaram a terra, que abriram caminhos

tal qual os arbustos que crescem sozinhos.

No entanto acreditam em dias melhores

na troca da casca que seca os suores.

Estancam os costados na esquina dos dias

com os peitos rasgados, barrigas vazias.

Nos olhos nublados, o horror se revela

em pernas rachadas pela erisipela.

No entanto sorriem, no palco do circo

onde são palhaços e leões ariscos.

Destino riscado na palma da mão
com a nervura exposta na planta do chão.
As unhas que rasgam o ventre da estrada
são esporas rudes, memórias do nada.
A pele se esgarça dos pés ao pescoço
e a carne pisada descola do osso.
No entanto se movem, à la Galileu
fugindo do fogo, em busca de Deus
ou de qualquer força, que move as estrelas
estanquem foguetes, despertem centelhas.
Para onde irão, ao fim dessa guerra?
Pro oco do mundo, no ventre da terra.
Talvez renascer, noutra escuridão
com novas promessas de enxertar o chão.

De onde surgiram, esses esqueletos?

De que chão, de que sertão, de que gueto?

Aqui se esparramam em becos escuros

crescem nos vasos, se espalham nos muros.

Brotam feito mudas, quando bem regadas

ocupam barracos, buracos, estradas.

Misturam-se à lama, à rama, às partidas

são lascas das cascas que envolvem as feridas.

Crescem os temores, minguam as esperanças

enfurnados nas covas de suas relembranças.

No chão da cidade, no céu do sertão
a todos invade a falta do pão
o temor da seca, o horror da fome
ameaça que chega sem dizer o nome.

No chão do sertão, no céu da cidade
ai de quem fraqueja no campo minado
diante da saga do mal-assombrado.

Que jamais se sabe de onde surgiu
a cara que tem, o temor que espalha
o fogo que queima a palha da palha
e reascende a chama de onde surgiu.

E saltam diante do seu desassombro
materializam-se, feito marimbondos
os ferrões em fúria, a ponta do sabre
a brilhar no escuro.

Somos acuados, nos cantos do muros
despidos, fichados, cabeças raspadas
não chore clemênciā, não peça mais nada
pois o ódio é torto.

Engula as palavras, se finja de morto.

Saltam das motos, não mais dos jumentos
espetam os seus olhos, que buscam um alento
no brilho enganoso que escapa da lua
para lamber escombros, vasculhar as ruas
revelar o medo que nasceu com o dia.

A noite que esconde também denuncia.

Sobre a avenida iluminada
ou o caminho banhado em escuros
o mesmo céu.

O mesmo sol que arde na nuca
e não aponta caminhos.

O mesmo sol. O mesmo céu.

silêncios tão diversos: um que nasce
do nada. Outro a querer dizer tudo
– especialmente o que não precisa
ser dito.

O mesmo caminhar pesado
de quem traz no ombro uma enxada
ou tem o fardo sobre o lombo.

Sertão. Cidade. Escombros.

Louco por ti, América

louco por ti, Anísia

louco por ti, Anésia

louco canto de ameríndias

louco pelas sertanejas

– meio negras, meio índias –

peles curtidas pela solidão.

Cidades que nos recolhem

abrem ruas e avenidas

festejamos a chegada

como penamos na ida

sem certezas da jornada

fugindo das despedidas.

Sertão que a tantos expulsa

cidades que nos assustam

dizendo “Aqui, não relutem

esqueçam toda ilusão”, que nem

Nas portas do inferno:

as pragas como oração.

Tudo é água no chão desta cidade.

Tudo é biles, suor, pus, sangue,
sêmem e leite derramado.

Tudo é chuva no céu desta agonia:

Álcool, vinagre, creolina,
doses ácidas, soda cáustica.

Tudo o que desaba sobre o lombo
corta e castiga.

Tudo é pingo de morte, ressaca
de vida, tudo é veneno em gotas
homeopáticas – mesmo nas paixões
mais midiáticas.